

A CONSTRUÇÃO DE UM PERSONAGEM: O PEPETELA

Carolina Bezerra Machado*
Universidade Federal Fluminense
lowbezerra@gmail.com

Toda a gente com quem eu lidava me conhecia por esse nome de guerrilha e sempre o achei mais bonito que o próprio. Foi natural que ao publicar, o escolhesse como nome literário. Está ligado à fase de militância, claro, mas hoje é apenas o meu nome¹.

Introdução

Ao ser questionado por mim sobre as motivações que o teriam levado à escolha do nome de guerrilha “Pepetela” para o acompanhar na sua trajetória literária, o escritor angolano conhecido internacionalmente por seu pseudônimo, não se aprofunda muito no caso e analisa essa escolha como algo “natural”, sem demais intenções políticas e/ou sociais. Todavia, cabe a nós trazermos à baila as implicações que esse seu posicionamento pode provocar ao compreendermos que essa escolha não deve ser encarada como fortuita. Considera-se que essa preferência pode ser interpretada como um ato político, principalmente a partir da leitura que seus romances provocam.

A origem do nome vem do kimbundu Pestana e faz referência ao sobrenome de nascimento do autor: Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos. No momento em que entrou na guerrilha ao lado do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola), seus escritos literários passaram a ganhar a nova assinatura que é mantida até hoje², o que demonstra que embora tenha saído do partido em 1983, não rompeu com o passado guerrilheiro e de crenças que o levaram até o caminho do Movimento. Além disso, essa escolha o aproxima ainda mais de uma angolanidade, pois, como veremos, a presença

* Doutoranda do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Bolsista CAPES.

¹ PEPETELA. Entrevista concedida a autora via correio eletrônico em 25/07/2017.

² Antes disso Pepetela tinha publicado três contos com o se nome de origem: *O velho João*, *As Cinco vidas de Teresa* e *A Revelação*.

branca dentro de um cenário nacional após a independência, vai ser constantemente questionada.

Nesse sentido, a presente comunicação tem como objetivo refletir, a partir de alguns romances-chave de Pepetela, selecionados pela narrativa crítica à política de Estado desenvolvida em Angola após a independência, o quanto o escritor, considerado por muitos como fiel ao partido do MPLA³, passa a ser um dos principais críticos dos rumos tomados pelo movimento. Até o escritor sair do governo em 1982, havia a defesa de um projeto de hegemonia política do MPLA e somente a partir do livro *O Cão e os Caluandas* (1985) notamos um afastamento político, embora também devamos problematizar até que ponto se constitui numa ruptura de fato. Se antes suas críticas se restringiam aos desvios políticos do movimento, buscando uma mudança interna, seus romances publicados a partir da década de 1980 trazem questões de nível estrutural – que perpassam inclusive a sociedade angolana e a sua relação com o MPLA. Ou seja, suas críticas são muito mais complexas à medida que também propõem reflexões sobre a sociedade angolana que se construiu após a independência.

Procura-se reconhecer também que em meio aos diversos debates políticos e às intensas batalhas discursivas, Pepetela optou muitas vezes por apoiar o MPLA mesmo havendo outras opções políticas. Portanto, o discurso que procura simplificar o jogo político daquela época, ressaltando muitas vezes a inevitabilidade de estar com um ou com o outro será problematizado a partir do sujeito Artur Pestana, que através da sua literatura construiu um cenário político angolano de crítica ao governo, mas que ao mesmo tempo, quando se fez necessário, permaneceu ao lado do movimento.

Testemunho de uma Geração

As páginas dos romances de Pepetela constituem um espaço de denúncia e inconformismo. O lugar que o escritor ocupa dentro do seu país, mas também fora dele, possibilita reconhecermos no conteúdo da sua escrita literária, mesmo em meio ao

³ Pepetela será visto por muitos companheiros seus como um “duro da delegação” do MPLA, principalmente ao longo dos movimentos de dissidência interna. Destaca-se a “Revolta da Ativa” de 1974 em que muitos companheiros seus romperam com o MPLA.

ficcional, a representação de uma realidade⁴. Percebe-se a defesa de um projeto de nação e a afirmação de uma identidade que se diferencia do projeto defendido pelo Estado-Partido. Constrói-se uma verdade baseada em concepções políticas e ideológicas em que o escritor acredita. As metáforas são utilizadas como recurso linguístico para descrever o real. O escritor, o militante e o cientista social se relacionam intimamente trazendo à tona o conflito entre uma memória de Estado e uma memória individual que dão o tom de testemunho entre as suas narrativas (SERRANO,1999).

É interessante notar ainda o quanto a sua escrita apresenta um discurso de autoridade, interferindo diretamente no modo como enxergamos a sociedade angolana. O valor de testemunho dos seus romances estão relacionados à sua experiência não só como guerrilheiro na luta de libertação de Angola e governante no período pós independência, mas como ator social que por vezes se encontrou entre as fronteiras existentes tanto no país quanto fora dele e utilizou a escrita literária como meio de expressão. Suas escolhas perpassam diversas inquietações que fizeram parte do processo de construção do Estado e nação angolana. E a sua transformação em homem público e intelectual angolano está em diálogo com estas questões.

Como afirma Inocência Mata, em uma sociedade ainda carente de (auto) reflexão e de instituições que a possam impulsionar sem interesses particulares de determinados grupos, a literatura exerce grande influência ao “desempenhar um papel que vai além da sua significação estética e simbólica” ao exercer o que chamou de “significação extratextual”. Ou seja, ela pode ser interpretada como a conjugação de uma memória individual sobre um passado histórico supostamente coletivo. As contradições vivenciadas dentro da sociedade angolana são postas em evidência (MATA,p.51,1993). Por isso, ao ressaltar as representações individuais, devemos estar cientes que a memória individual é formada também pela tensão entre várias memórias, pois “a memória é um processo relacional e intersubjetivo” (CATROGA, p.16, 2001).

⁴ Pepetela já recebeu o prêmio de literatura por obras como *Mayombe* e *Yaka*, assim como o prêmio da Associação paulista dos críticos de arte (APCA) pelo livro *Geração da Utopia*; o prêmio da União dos escritores angolanos (UEA); prêmio Camões pelo conjunto de sua obra; o prêmio holandês Prinz Claus, novamente pelo conjunto da obra; o prêmio da Câmara Municipal de Sintra (Portugal); recebe a Ordem de Rio Branco (Brasil) e o prêmio literário de escritor galego universal promovido em Santiago de Compostela.

A importância de Pepetela como testemunho de uma geração é claramente percebida quando nos deparamos com a quantidade de teses e dissertações de mestrado que abordam direta ou indiretamente os seus romances.⁵Dentro do meio universitário Pepetela é um dos escritores africanos mais estudados, o que ressalta a sua importância intelectual como construtor de uma *angolanidade*. Ao ser reconhecido internacionalmente através da sua produção literária, devemos levar em consideração que sua influência não se dá apenas no campo do simbólico, pois a grande quantidade de entrevistas, artigos de opinião em jornais e crônicas publicadas ao longo dos anos possibilitou ampliar a sua sensibilidade sobre o ato de pensar Angola para além da literatura. O imaginário invadiu a escalada social e influenciou o modo de ver/pensar a nação angolana (CARVALHO FILHO, p.28, 2016).

Por outro lado, embora muito utilizado nas pesquisas historiográficas, principalmente no que tange às pesquisas sobre Angola contemporânea, os livros de Pepetela ficam restritos muitas vezes a exemplos ilustrativos que não problematizam as narrativas escolhidas pelo escritor. A escolha da literatura como fonte exige um rigor metodológico que deve levar em consideração o lugar social de onde são escritas, que papel social e/ou político tem o escritor, quem eram seus interlocutores etc. A contextualização da obra e dos debates públicos mais importantes da época devem ser considerados. Por mais que o romance não tenha uma preocupação com a verdade, sabemos que a sua produção carrega questionamentos e problematizações próprias de um período. No caso de Pepetela esta relação ainda é mais evidente, pois são romances entranhados de história, em que a acusação e a denúncia às relações sociais e de poder que se formaram no pós-independência assumem um papel intervencionista na construção de uma nova sociedade.

Dentro dessa perspectiva, os romances de Pepetela e as representações da sociedade angolana contidas neles, devem ser analisados em diálogo com os interesses que influenciam na escrita do autor. Parte-se do pressuposto de que o discurso literário é uma forma diferenciada de abordar o real, ao escolher uma dimensão simbólica diferente para dar sentido à experiência vivida (PESAVENTO, 2006). Construída a partir de uma

⁵ Em um levantamento feito em 2008, tínhamos 58 trabalhos (entre teses e dissertações), em nível nacional, que abordavam a obra do escritor diretamente. In.: CHAVES, Rita e MACÊDO, Tania. (org.). *Portanto...Pepetela*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

visão individual, essa experiência passa a ser valorizada, dando margem às subjetividades históricas, que enriquecem o cenário historiográfico. De acordo com a crítica literária Maria Nazareth Fonseca, “o romance pode ser entendido como uma leitura de mundos, ainda que se estruture a partir de estratégias discursivas regidas por princípios próprios à narração inventiva” (FONSECA, p.77, 2010). Desse modo, devemos interpretar a escrita literária como uma construção da realidade, suscetível, assim como outras formas de representar o mundo, a disputas e conflitos inerentes à vida do escritor. Pois, a realidade é construída envolta ao modo como ocorre a apropriação do contexto, por isso, “as modalidades do agir e do pensar devem ser sempre remetidas para os laços de interdependência que regulam as relações entre os indivíduos” (CHARTIER, p.25, 2002).

Ao considerarmos o Pepetela em sua individualidade e intelectualidade devemos estar atentos às fronteiras sociais que esse escritor percorre. Como homem branco, estudante e urbano, morador de Benguela, devemos sempre considerar de que lugar Artur Pestana parte, mas também tentar reconhecer que as fronteiras por que circulou contribuíram para definir a formação do escritor que conhecemos hoje⁶. Embora tenha como referencial Angola para a sua escrita, reconhece a importância da sua trajetória para o desenvolvimento da sua obra:

Gosto disso, intelectual entre fronteiras... Talvez tenha tido a sorte de viver várias vidas, cidadão perto do mar, vivendo e combatendo mais tarde no mato, em muitas regiões diferentes, exilado em vários exílios na Europa e em África, membro de uma minoria sempre, do ponto de vista da origem, da raça, das ideias, muitas vezes solitário. Certamente que influencia qualquer obra.⁷

Logo, a oposição ao colonialismo formou-se entre esses trânsitos. Os debates nacionalistas em meio a uma forte tendência racialista, mas sendo branco, lhe possibilitou olhar a formação da nação por outras brechas, pautadas por concepções de igualitarismo e liberdade. Do mesmo modo, o seu olhar de indivíduo do sul também trouxe problematizações significativas, abrindo questionamentos internos no MPLA, em

⁶ Ao longo do texto faremos referência a Artur Pestana ou Pepetela de modo indiscriminado, apenas como recurso de escrita para o texto não ficar repetitivo.

⁷ PEPETELA. Entrevista por meio eletrônico a Carolina Bezerra em 25/07/2017.

especial sobre a formação de uma ampla rede de privilégios que teve início ainda durante a luta de libertação.

Esse seu lugar de origem e de resistência também aparece nos romances. Assim, a construção dos personagens de Pepetela denotam uma verossimilhança com a realidade do país; mas longe de estarem presos diretamente “aos de cima”, suas críticas possibilitam nos voltarmos para os diferentes tipos sociais que formam a sociedade, encontrando tanto nos macro quanto micro poderes as formas que delineiam um país marcado pela violência e autoritarismo. Ao longo das suas narrativas ganham destaque os personagens que seriam silenciados pelas histórias oficiais. Somos envolvidos por uma polifonia que tem por objetivo destacar essa multiplicidade de vozes que fazem parte de Angola. Do mesmo modo, o escritor se coloca e anuncia no início do romance *A Geração da Utopia* de que lugar fala:

(Na prova oral de Aptidão à Faculdade de Letras, em Lisboa, o examinador fez uma pergunta ao futuro escritor. Este respondeu hesitantemente, iniciando com um portanto. De onde é o senhor?, perguntou o professor, ao que o escritor respondeu de Angola. Logo vi que não sabia falar português; então desconhece que a palavra portanto só se utiliza como conclusão dum raciocínio? Assim mesmo, para pôr o examinando à vontade. Daí a raiva do autor que jurou um dia havia de escrever um livro iniciando por essa palavra. Promessa cumprida. E depois deste parêntesis, revelador de saudável rancor de trinta anos, esconde-se definitivamente e prudentemente o autor.) (PEPETELA, p.9, 2013)

A aproximação com o leitor excede os limites ficcionais e faz emergir o narrador dentro de um processo histórico em que “imperavam os valores impostos pela ideologia colonial”. E, é a partir desse ponto, que novas vozes insurgentes vão aparecer na narrativa, demarcando a presença de novos atores e novas complexidades, que não se restringem somente à língua, mas, sobretudo, na construção de uma identidade afastada dos liames coloniais (MATOS, 2013).

Por outro lado, por vezes se coloca como um solitário. Se, em alguns momentos, era visto como um “branco de segunda” em Angola, quando chega a Portugal essa posição fica ainda mais evidente. Inúmeras vezes apareceu como um homem à margem. Durante anos ficou exilado, depois retornou ao país de origem na condição de guerrilheiro e membro do MPLA, mas não deixava de causar estranheza e questionamentos,

principalmente pela sua cor. Quando resolveu sair do partido que antes o acolhera, também suscitou críticas que vinham tanto de dentro quanto de fora, pelas escolhas que fez quando era do governo.

As preocupações com a nação movimentam as suas tramas, que não se constituem apenas como reprodução de um cenário, pelo contrário, elas trazem reflexões, interferindo diretamente, como já dissemos, no modo como enxergamos a sociedade angolana. As frustrações de uma geração não são apenas encenadas nas páginas de seus livros sem que com elas não venham perspectivas para um futuro, em um claro ato político.

Os Romances

De acordo com Inocência Mata, *Geração da Utopia* inaugura um novo tempo na escrita de Pepetela, em que novas significações históricas com derivações ideológicas são demarcadas. Há uma desmistificação da história do movimento nacionalista e da guerrilha, o que ainda não se encontrava em *Mayombe*. Todavia, a presente pesquisa parte do pressuposto que já em *O Cão e os Caluandas* temos a presença de uma narrativa que não acredita mais em mudanças sociais com o movimento que se instaurou. Os desgastes internos se tornaram impossíveis de serem recuperados. A partir desse livro as críticas internas apresentam um tom narrativo diferente do encontrado em *Mayombe*, pois não estão mais centradas num aspecto pedagógico, de reformulação. Embora Pepetela afirme que as críticas contidas nesse livro sejam muito mais comportamentais à medida que são feitas sob o ponto de vista de um militante em busca de conciliação (PEPETELA Apud LABAN, 1991), já podemos notar uma diferença entre esta obra e *Mayombe*, principalmente por considerarmos o distanciamento do escritor desse novo cenário.

As críticas aparecem através da figura de um cão pastor alemão, um personagem simbólico que revela o cotidiano da cidade de Luanda ao construir um painel da sociedade pós-independente (SALGADO, p.267, 2007) Ao flunar pela cidade ele desmascara personagens: como o pretense intelectual e o corrupto. Nesse caso, a interpretação sobre as escolhas linguísticas e de recursos narrativos do texto oferecem um ótimo diálogo para compreendermos as críticas à história política do país. O romance é marcado por uma narrativa em que o socialismo, pela primeira vez, aparece claramente como retórica, um

meio encontrado para o fortalecimento político de poucos. Ao favorecer um pequeno grupo da elite angolana contribuía para a lógica patrimonial, em que os bens públicos não se diferenciavam dos bens privados.

De acordo com Pepetela, o livro foi escrito entre 1979 e 1983, sendo publicado apenas em 1985, quando o autor já havia deixado o partido. Reconhecido pelo escritor como um dos seus livros mais críticos, Pepetela menciona os problemas que teve para a sua publicação, cuja primeira edição esgotou em apenas 15 dias:

Este livro não passou pela comissão de leitura, porque naquele período não havia comissão e então foi o secretário geral [Da União dos Escritores Angolanos] que decidiu publicar. E, depois o partido perguntou ao secretário geral [Luandino Vieira] porque é que tinha mandado publicar e ele não se podia defender com a comissão de leitura. Neste caso ele teve alguns problemas, pois perguntaram-lhe porque autorizara. Então, o partido decidiu que era melhor perguntar ao próprio partido e então perguntaram as células do próprio partido ligadas à cultura se achavam que o livro era contra-revolucionário. As células do partido responderam que não, que o livro não era contra-revolucionário. E não aconteceu mais nada. Mas, o fato de ter sabido que ia haver um inquérito fez com que o livro desaparecesse imediatamente. Fez com que a edição desaparecesse logo. E aí o secretário geral já não teve coragem de mandar fazer a segunda edição. Foram muitos anos até sair a segunda edição (PEPETELA Apud MARCON, 2005)

Devemos estar atentos, sobretudo, à passagem de tempo que faz parte da construção do romance. Em 1979, quando inicia a escrita do livro, Pepetela ainda integrava o governo, atuando no Ministério da Educação. Nesse mesmo ano José Eduardo dos Santos passou a ser presidente do país, mantendo o regime oficialmente marxista-leninista herdado de Agostinho Neto. O cenário político era caracterizado por forte centralização do poder nas mãos do presidente, assim como um viés autoritário, marcado pela “caça às bruxas” aos opositores e pela retificação interna do partido, diminuindo consideravelmente o número de militantes. Essas posições são vistas como uma resposta ao Movimento Nitista ocorrido em 1977 (VIDAL, p.17, 2002). Angola vivia ainda um período de intensa Guerra Civil, um contexto de autoritarismo sem oposição política legal e falta de liberdade de expressão. Em paralelo, nessa década de 1980 a corrupção do Estado se alastrou de maneira significativa, como será analisado mais a frente. Por essas

questões, chama a atenção a possibilidade de publicação de um livro com tantas críticas ao partido.

Ao refletirmos ainda sobre a presença de Pepetela no enredo, notamos o quanto o escritor se coloca como um narrador presente, que interage com o seu leitor trazendo questionamentos e informações que completam a narrativa. Ele faz parte diretamente da construção das histórias que se desenvolvem através de depoimentos, anúncios de jornal, documentos, sketches e cartas, trazendo, de imediato, logo no início da obra, um aviso: “Qualquer dissemelhança com fatos ou pessoas pretendidos reais foi involuntária”. Nessa passagem, a ironia e a sátira, marcas da literatura angolana, ficam evidentes. Pepetela a todo tempo vai dialogando com o leitor e brincando nas entrelinhas com os textos que apontam para mais de uma interpretação, se torna um narrador-personagem à medida que participa das histórias como um interlocutor.

Em *Geração da Utopia*, escrito em 1991 a partir de uma bolsa de criação do serviço alemão de intercâmbio universitário, a presença de Pepetela nas histórias não é diferente, mas se dá sobre as vozes de outros personagens. Uma das poucas presenças em primeira pessoa do escritor é logo no início do livro, afirmando que a partir dali se escondia “prudentemente” o autor. Todavia, notamos o quanto a obra acompanha a sua trajetória de vida – tanto a partir dos lugares que circulou quanto dos problemas que envolviam aquela geração. Nota-se a partir da personagem Sara, uma estudante branca, muitos dos anseios que o escritor vai enfrentar ao ter que reafirmar sua angolanidade em diferentes meios a todo tempo. No romance, Pepetela trouxe uma dura reflexão sobre àqueles que fizeram parte do processo de independência de Angola: “esta é apenas a história sobre uma geração que fez a independência e não soube fazer mais” (BUENO apud CHAVES, 2009, p.42). Construído através de uma narrativa que abarca quatro décadas, o autor explora as contradições existentes dentro do movimento de libertação que levaram ao enfraquecimento da certeza revolucionária após a independência. O livro inicia na Casa dos Estudantes do Império, descrevendo os impasses, as dúvidas e alternativas existentes. Estão presentes os debates tribalistas, raciais e políticos que ainda faziam parte do contexto político de quando o autor escreve, ainda marcado pelas disputas de poder.

Quando da publicação do livro, 1992, tivemos as primeiras eleições gerais da história de Angola. O clima estava dividido entre o otimismo e a desconfiança, com mais de 91% de votantes registrados e a vitória do MPLA com 49,57% dos votos a Eduardo dos Santos. Desde 1991 tivera início uma nova fase na política, que tinha como objetivo traçar o caminho para um sistema mais aberto e multipartidário, sendo aprovada naquele ano uma revisão da constituição que trazia como proposta colocar Angola nos passos da democracia ao permitir o direito à manifestação, associação, liberdade de imprensa e direito à greve. Todavia, após o fim das eleições o poder político voltou mais uma vez a se concentrar na presidência, o clima de instabilidade permaneceu e presenciamos o retorno à guerra civil (VIDAL, p.26, 2002).

E nesse contexto que *Geração da Utopia* é escrito e publicado. Dividido em quatro partes, sendo que uma delas – A Chana – o escritor afirma ter escrito anos antes, ainda na guerrilha, o romance retrata o processo de desilusão que se construiu desde a década de 1960. Se no início existia um sonho, aos poucos ele vai virando utopia, pois o objetivo não era apenas a luta pela independência, mas sim a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Os discursos proferidos pelo romancista fazem parte de uma crítica interna que chama a atenção para aqueles que teriam traído a construção da nação e o projeto de uma sociedade democrática e mais igualitária ao privilegiar seus interesses pessoais.

Em *Desejo de Kianda*, publicado em 1995, mais uma vez Pepetela recorre às imagens simbólicas e, nesse caso, mitológicas para construir suas críticas. A Kianda das lendas e espírito das águas, ecoava seu cântico com o intuito de restaurar o Kinaxixi, um dos principais bairros da elite angolana (ALVES, 2009). O desmoronamento dos prédios do bairro vira um mistério, o pó dos escombros provoca o caos, utilizado como metáfora para denunciar a perda dos valores dos dirigentes políticos. As velhas estruturas coloniais passam a ser postas sobre novos termos a partir da aliança do casal João Evangelista e Carmina Cara de Cú (CCC), protagonistas do romance. A militante do partido encarnaria as mudanças do próprio partido, como aponta o narrador: “Carmina era sem dúvida uma filha do seu partido” (PPETELA, p.73, 1995).

O avanço de uma economia de mercado passa a influenciar diretamente as relações da sociedade e do Estado, que é movido pelo poder das classes dominantes. A

corrupção se torna presente em diferentes níveis, do macro ao micro, tanto nas relações interpessoais quanto nas que envolvem a sociedade civil e o Estado. A partir das metáforas construídas por Pepetela, passamos para um plano do imaginário em que a força da tradição sobre a sociedade é resgatada e entra em contradição com o processo de modernização suscitado com o avanço do capitalismo. Os valores de outrora são questionados, a defesa do socialismo não existe mais e a abertura de capital traz novas oportunidades que não se preocupam com os valores éticos envolvidos. Nesse mesmo sentido, são problematizados as relações patrimonialistas e clientelistas que se desenvolvem na sociedade. O escritor chama a atenção para um Estado construído em cima dos valores tradicionais angolanos, um Estado criado em meio à guerra, que vê os sonhos de uma sociedade igualitária após a independência desmoronar. A partir das inúmeras possibilidades que se abrem com a leitura do livro, as contradições se intensificam. Os mutilados de guerra, que vivem a pedir dinheiro nas ruas, dividem espaço com os novos ricos, que se individualizam cada vez mais.

O livro é escrito entre 1994 e 1995 e sua publicação se dá neste último ano em meio a uma série de problemas que se desenrolavam em Angola. O cessar-fogo em 1991, as eleições de 1992, a abertura ao multipartidarismo e à economia de mercado, o retorno da guerra e os constantes debates de como se alcançar a paz no país. Os diálogos com esse contexto podem ser presenciados em cada página. A sociedade angolana é retratada a partir de um tom de crítica aos desvios de um projeto social que se desejava antes da independência. A estória se desenvolve a partir da independência de Angola, mais precisamente 1994, e tem como narrativa central a relação dos protagonistas: Carmina cara de cú e João Evangelista. Seus nomes, de acordo com Carmen Lúcia Tindó, podem ser problematizados a partir de uma interpretação em que João Evangelista, assim se denomina pela referência bíblica, visto que seu pai é muito religioso e CCC, pode ser uma referência à Carmina Burana, contos proféticos pagãos, do período medieval. Em volta deles se desenrola a história, Carmina uma mulher que entra para o partido muito nova, ainda na Jota, conseguindo chegar em cargos superiores com muita rapidez, a partir dos seus bons contatos com o governo. Evangelista casa-se com essa mulher, dominadora em sua essência, e passa a trazer para o leitor problematizações e contradições presentes na sociedade angolana, principalmente a partir dos seus questionamentos à Carmina. Junto

à estas indagações, um fenômeno curioso acerca a história, a queda de prédios e o canto de Kianda.

Para completar os livros que farão parte da análise da presente pesquisa está *Predadores*, publicado em 2005. A estória do livro se desenrola entre 1974 e 2004, e são enfatizados os anos posteriores à independência do país. No entanto, por mais que as transições políticas estejam presentes, a estrutura política permanece, mantendo o poder concentrado nas mãos de poucos. Através dos personagens criados por Pepetela, somos envolvidos por uma trama que denuncia um modelo político que facilita as práticas de corrupção, favoritismo e nepotismo levando a crer que essa seja uma realidade inerente ao sistema político existente. Tanto as relações entre os indivíduos e o Estado quanto as relações interpessoais que se estabeleceram no cenário pós-colonial são retratadas no romance do escritor. Vladimir Caposso (VC) – uma referência ao slogan “A vitória é certa” do MPLA –, personagem principal do livro, passa a constituir a metáfora dos desvios sociais, políticos e econômicos do partido e aos poucos se transforma em um predador, não se abstém da oportunidade de se aproveitar, explorar e oprimir o outro, desde que o favoreça individualmente. Faz do uso da palavra que denomina o livro – *Predadores* – um importante instrumento técnico que associa a arte predatória à destruição da sociedade angolana. Capazes de tudo, esse grupo social emergente destrói todo o sonho de antes, assim como todos os ideais.

Assim como em relação aos anteriores, a análise do romance *Predadores* exige cuidado e atenção ao período em que o autor escreveu as suas estórias, a fim de melhor compreendermos algumas questões pertinentes à análise da narrativa de seu romance. Em 2002, o cessar fogo foi negociado entre o MPLA e a Unita, interrompendo uma longa guerra civil. Nesse momento, com a promessa de eleições próximas, a esperança por um real processo de democratização do país era visível, acreditava-se na abertura política, assim como no crescimento e independência das Organizações sociais. Todavia, o adiamento das eleições e a hegemonia política do Estado, sobretudo com o poder concentrado no executivo, frustraram em grande medida essas ambições iniciais. O medo da guerra e a desconfiança com o MPLA foram revividos nas páginas de *Predadores* a partir de um olhar particular, de um homem que antes vivia os acontecimentos a partir da

perspectiva de um membro do partido, e, agora, ao escrever o livro, já havia passado pelas desilusões que o levaram a se afastar do MPLA na década de 1980.

Considerações Finais

Construídos em diferentes tempos, os romances políticos de Pepetela retomam questões centrais para a História angolana na contemporaneidade. Escritos a partir de uma narrativa em movimento, eles exploram os processos históricos recentes que contribuíram para a construção do Estado angolano, assim como para o desenvolvimento da sociedade no decorrer da independência. Na passagem de tempo, característica de seus romances, fica explícita a permanência de um modelo político marcado pelo autoritarismo, que nem mesmo as transições políticas foram suficientes para desenvolver uma mudança.

Vale ressaltar que estas obras dialogaram com uma realidade política conflituosa que evidenciava os problemas internos existentes. Uma sociedade ameaçada pelo medo e tomada pelo caos. Guerra civil e transições políticas importantes, mas instáveis, adiavam a estabilidade política e social tão sonhada. Há nos livros escolhidos uma intensa crítica aos rumos tomados pelos dirigentes políticos e pela elite econômica que se formou em Angola. Pepetela construiu em suas narrativas uma sociedade complexa, caracterizada por uma realidade de corrupção. A utopia revolucionária de outrora estava sendo substituída pela burocracia de um Estado patrimonialista e por uma economia de mercado que sublinhava cada vez mais a desigualdade existente no país.

Ao compreendermos que os privilégios característicos da relação entre o Estado angolano e sua sociedade foram tecidos antes e durante o colonialismo, permanecendo no período pós-independência (CHABAL, p.37, 1993), os romances de Pepetela se tornam interessantes por abordar o autoritarismo existente no país a partir de pessoas comuns em sua relação complexa com o Estado. Seus livros tratam do envolvimento dessa sociedade em uma política de privilégios, em que a permanência do Estado, de vias autoritárias, é permitida a partir de acomodações de interesses estabelecidas por ambos os lados.

Todavia, mesmo que ocorra uma denúncia ao projeto existente, liderado pelo MPLA, Pepetela não rompe com ele integralmente, até porque devemos lembrar que a principal oposição ao partido em Angola é a Unita, historicamente afastada de pressupostos nacionalistas defendidos por Pepetela. Portanto, a sua ruptura com o partido

se dá de modo parcial, devendo ser analisado em cada romance. Pois o projeto inicial, hoje é projetado como utópico, o que observa-se através das vozes narrativas e dos personagens que aparecem nos seus romances, muitas vezes comprometidos com as idealizações políticas do MPLA (REGHINI, 2016, p.13). Por mais que atualmente defenda o surgimento de novas forças políticas para o MPLA se modificar (PEPETELA. Rodrigues apud CHAVES, Rita e MACEDO, Tânia, 2009. P. 47.), o escritor se mantém afastado da política e prefere se autodenominar como um “socialista utópico”:

A minha ideologia não mudou. Eu continuo a ser uma pessoa que pensa primeiro no povo, e depois no resto. Eu me definiria talvez como um socialista utópico. Talvez. Eu não gosto de pôr rótulo nas coisas. É difícil. O socialismo deve ser a base, sem dúvida nenhuma, mas um socialismo mais para o utópico. Aquilo que ainda não se conseguiu construir (PEPETELA. CASTRO apud CHAVES, Rita e MACEDO, Tânia. 2009. P. 46)

Em inúmeras entrevistas, quando perguntado sobre a sua posição como socialista, Pepetela afirma que sua base teórica estaria nos denominados “utópicos”, como Pierre-Joseph Proudhon, em que os ideais de liberdade individual e igualdade social são repensados em novos termos. Foram referências obtidas ainda na juventude, através de um tio seu. Dizia que não entendia quase nada, mas que algumas coisas ficavam, cimentando um espírito revolucionário (PEPETELA apud LABAN, 1991). Mesmo se alinhando mais adiante à uma política marxista-leninista, o seu apreço por anarquistas aparece na sua literatura através da construção de alguns personagens, como destaca Sílvio Carvalho (CARVALHO FILHO, p.8, 2013). Ao definir o que considera por socialista utópico, Pepetela diz:

À falta de melhor definição... Continuo a achar que os homens nascem iguais em direitos e que deveriam ter a mesma possibilidade de se desenvolverem intelectualmente. A partir daí, poderia haver diferenciações. Mas sempre guardando lugar para as minorias, quaisquer que sejam os critérios para as definir como minorias. O que implica um Estado forte, democrático, capaz de distribuir as riquezas, conforme os méritos e o esforço de cada um. Daí o ser utópico. E não ser capitalista, de forma nenhuma.

Os romances destacados na pesquisa apontam para a consolidação de uma posição literária de crítico do regime político estabelecido, mas uma crítica que não está presa somente ao governo, mas que se dirige também para as relações que se estabelecem entre a sociedade e esse Estado. Pois, compreende-se, que o poder não se reproduz apenas de cima para baixo, mas se desenvolve a partir das relações individuais existentes na sociedade. Ao partirmos dessa premissa, a estruturação de um modelo político ao longo dos anos pós-independência, que se perpetua no poder, principalmente através de relações clientelistas, deve ser pensado também a partir dos indivíduos que compõem a sociedade, por esse motivo, a escolha do intelectual torna-se fundamental para refletirmos sobre Angola na contemporaneidade.

Por fim, cabe ressaltar que essa sua posição ambivalente em relação ao MPLA deve ser ressignificada dentro de um contexto político social presente em Angola. O MPLA representava, enquanto movimento e organização partidária, um discurso agregador e crítico aos comportamentos racistas e tribais. Por isso, a partir de um discurso bem elaborado politicamente, conseguiu conciliar uma ampla rede de apoio que até hoje se coloca ao lado do movimento, por mais que existam críticas. Como lembra Baqueiro, por mais que a nacionalidade dos brancos estivesse sacramentada na legislação, “o reconhecimento da sua angolanidade (...) permanecia, em boa medida, uma concessão condicional”. Dessa forma, torna-se interessante compreendermos o modo como Pepetela interpreta essa angolanidade, inclusive ao construir os personagens brancos em seus romances.

É importante afirmar ainda, que a obra de Pepetela está inserida em uma tradição literária em que “a resistência, a afirmação identitária, a construção da nação, o projeto utópico e a celebração de um passado histórico” (MATA, p.17,1993) são marcas de um discurso da escrita angolana. Os seus romances colocam em debate a identidade plural existente em Angola. Ao priorizar as diferenças, negam o ideal de nação coesa e harmônica pretendida no período pós-colonial (MATA, p.52, 1993). Novas problemáticas se abrem a partir daí.

Referências Bibliográficas

CHAVES, Rita. MACEDO, Tânia. (Orgs). Portanto...Pepetela. São Paulo: Atêlie editorial, 2009.

PEPETELA. *Geração da Utopia*. São Paulo: Leya, 2013.

CHAVES, Rita. *Pepetela: Romance e Utopia na História de Angola*. Via Atlântica nº2. Jul. 1999. São Paulo: USP.

SERRANO, Carlos. O Romance como documento social: o caso de Mayombe. In.: Via atlântica. Nº 3, dez. 1999.

MATA, Inocência. Ficção e História na Literatura Angolana: O Caso de Pepetela. 1993.

CATROGA, Fernando. Memória, História e Historiografia. Coimbra: Quarteto: 2001.

BITTENCOURT, Marcelo. Angola: Tradição, modernidade e Cultura política. In: REIS, Daniel Aarão; MATTOS, Hebe; OLIVEIRA, João Pacheco; MORAES, Luís Edmundo de Souza Moraes; RIDENTI, Marcelo (org). *Tradições e modernidades*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

CARVALHO FILHO, Silvio de Almeida. Angola: História, Nação e Literatura (1975-1985). Curitiba: Prismas, 2016.

CHARTIER, Roger. História hoje. In.: *Estudos históricos*. nº7, vol.13, 1994.

PESAVENTO, Sandra. História e Literatura: Uma Velha Nova História. In.: *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [En ligne], Débats, mis en ligne le 28 janvier 2006, consulté le 04 septembre 2016. URL : <http://nuevomundo.revues.org/1560> ; DOI : 10.4000/nuevomundo.1560

MATTOS, Tatiane Reghini. As vozes narrativas de Pepetela: A Geração da Utopia e Predadores. Dissertação apresentada ao Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. São Paulo:2013

CARVALHO FILHO, Sílvio de Almeida. Pepetela: Fragmentos de uma trajetória. In.: *Boletim do Tempo Presente*. Nº6 p.1-16. 2013 e PEPETELA. Entrevista concedida a Michel Laban em 04.04.1988, Luanda. In: LABAN, Michel (org.). s. d. **Angola. Encontro com os Escritores**. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida, v. 1.

Pepetela: Fragmentos de uma trajetória. In.: *Boletim do Tempo Presente*. Nº6 p.1-16. 2013 e PEPETELA. Entrevista concedida a Michel Laban em 04.04.1988, Luanda. In: LABAN, Michel (org.). **Angola. Encontro com os Escritores**. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida, v. 1. 1991.

BAQUEIRO, Fábio. *Entre raças, tribos e nações: Os intelectuais do Centro de Estudos Angolanos.Tese (doutorado) — Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos*, 2012.

MARCON, Frank Nilton. Leituras Transatlânticas. Diálogos sobre identidade e o romance de Pepetela. Tese apresentada ao Programa de Pós graduação da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2005.

VIDAL, Nuno. Multipartidarismo em Angola. In.: VIDAL, Nuno e ANDRADE, Justino Pinto. O Processo de Transição para o Multipartidarismo em Angola. Firmamento: 2002 PEPETELA. *Desejo de Kianda*. São Paulo: Leya, 1995.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

- CHABAL, Patrick. O Estado pós-colonial na África de expressão portuguesa. In: *Revista de estudos guineenses*. Soronda: Instituto nacional de estudos portugueses nº15, 1993
- PEPETELA. Predadores. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2008.
- PEPETELA. O Cão e os Caluandas. Lisboa: Dom Quixote, 1995.
- PEPETELA. Mayombe. São Paulo: Leya, 2013.